LEONEL MOURA

30 GRAMAS



LEONEL MOURA

30 GRAMAS



LEONEL MOURA

30 GRAMAS



1

Em janeiro de 2002, o colecionador francês Pierre-Emmanuel Vogué comprou, num leilão da Sotheby's, uma obra do artista italiano Piero Manzoni intitulada "*Merda d'Artista*". Pagou 124.000 Euros. Tratou-se de uma pequena lata com 5 cm de altura por 6,5 cm de diâmetro, de um lote de 90 exemplares numerados e assinados pelo autor, cada uma contendo 30 gramas de fezes do artista recolhidas em maio de 1961 no seu atelier em Milão. Rotuladas em quatro línguas – italiano, francês, inglês e alemão – as latas indicam conter 100% de pura merda. Expostas pela primeira vez na Galleria Pescetto em Albisola Marina, em agosto desse ano, foram propostas ao preço equivalente ao seu peso em ouro. Na altura, não se vendeu nenhuma.

Gianfranco, filho de Vogué, nascido em Itália, em Monticelli d'Ongina por volta dos anos 70, não sei a data exata, deu-me a notícia com grande excitação via e-mail. Gianfranco é um vagabundo rico, um peripatético que leu os surrealistas e os situacionistas, o que lhe deu muita volta ao miolo, anda perdido, não faz nada, move-se de um lado para o outro a uma considerável velocidade, à procura de um destino qualquer, sem grande exigência, tal a variedade

das suas efémeras vocações. Julgo que vive de uma mesada que o pai lhe dá e de pequenos negócios, sempre obscuros, por vezes ruinosos, cultiva amigos exóticos e é um eclético colecionador de arte chamada contemporânea. Embora seja rico, anda sempre aflito de dinheiro. Mete-se em tudo, coisas legais e muitas ilegais. A dada altura, teve um esquema de falsificação de bilhetes de futebol, está ligado a um site que vende Viagra e outros medicamentos falsos. Um dia, descobri por acaso que tinha produzido e vendido uma série de falsificações de Keith Haring, Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat. Diz que falsificar arte é a coisa mais fácil do mundo, porque as pessoas olham para a assinatura, mas nunca para as ideias. Apesar da evidente amoralidade, numa noite de copos, concedeu que tinha um certo código. Não trafica em carne de espécie alguma: mulher, criança ou animal. Já é alguma coisa.

Conheci-o em 1995 no Instituto de Arte Contemporânea de Villeurbanne, quando fiz a minha primeira e única retrospetiva. Na ocasião, aproximou-se com imensas perguntas, às quais respondi sem grande interesse, já que me pareceu demasiado novo para comprar arte, para além de estar muito suado. Terminámos a noite num bar de Lyon, de que esqueci o nome e, aliás, tudo o que aí se passou, se é que se passou alguma coisa. Penso que não. De qualquer modo, devo ter causado alguma impressão, talvez por me vestir de preto, falar pouco ou ter revelado a despropósito, já muito bebido, isso recordo, o meu gosto por Kafka e Wittgenstein, ou seja, dois homens que nada têm a ver um com o outro. Kafka é um mestre do irracional, da crise existencial, do mal-estar, da incompreensão do mundo, enquanto Wittgenstein pensa com a clareza possível da ciência, distinguindo com rigor

positivista o que se sabe e o que não se sabe na fronteira temporária da condição humana. Concluindo no seu *Tractatus*, que do que não se sabe, não se pode falar, ponto final parágrafo. Deve ter sido isso que lhe agradou. Ou então por ser homossexual. A minha amiga Diane tem a teoria de que os homossexuais gostam mais dos gordos, porque significa que não têm sida.

Gianfranco entrou assim na minha vida. Primeiro em aparições em exposições, depois também através da Internet, outras vezes em jantares, bebedeiras e tanta peripécia avulsa e sem história que não cabe aqui. Detetei-lhe amiúde uma certa ansiedade, uma preocupação com a vida, mais do estilo do "*quem sou*", do que desse "*donde vim*" e para "*onde vou*" à maneira de Gauguin. Desviando-se do que é realmente importante para mergulhar sem destino nas fantasias do além, do sobrenatural, do que não existe. Os homens nunca passaram de crianças perdidas, com medo do escuro e de morrer. Têm dificuldade em aceitar que estivemos mortos milhões de anos e em breve para lá voltaremos, pois essa é a nossa condição natural. A vida é a exceção. Fugaz.

Nessa perspetiva, simpatizei com o lado pragmático de Gianfranco, com a sua maneira de viver veloz, sem tempo a perder, sem moralismos. Além disso, e mais importante, sou tremendamente egoísta. Até à data deste escrito, e já lá iremos porque o deixou de ser, sempre foi um bom mecenas que, nas horas de aflição, me ajudou, comprando mais uma obra a juntar às dezenas entretanto acumuladas. É o meu maior colecionador.

Quando recebi o e-mail sobre a lata de Manzoni, fiz uma breve pesquisa na net. Há imensas referências ao objeto e muitas imagens. Um site exibe vários colecionadores, cada

um com a sua latinha na mão, em poses algo ridículas. Achei as latas incrivelmente pequenas. Mas pensando melhor, 30 gramas de merda não fazem assim um grande volume.

O Tractatus Logico-Philosophicus foi escrito durante a I Guerra Mundial, onde Wittgenstein serviu como precário soldado e incógnito prisioneiro. Publicado pela primeira vez na Alemanha em 1921, tem umas parcas oitenta páginas. Considerando a monumentalidade do título, o livro, onde Ludwig pretendeu resolver, de uma vez por todas, a principal problemática da filosofia ocidental que navega sempre entre a coisa e o seu enunciado, está mais próximo da arte do que da obra académica. É, aliás, o seu único livro. Toda a restante produção que se conhece resume-se a notas dos seus alunos, tiradas nas aulas ou em conversas. Contradizendo a sua ideia do mundo, o enunciado é afinal mais importante do que a coisa.